

SENADO EM CRISE

Ex-presidente da Casa diz que é vítima de linchamento da imprensa e de alguns políticos. O parlamentar não gostou do depoimento de José Roberto Arruda, mas afirma que está pronto para a sessão de quinta-feira

ACM irritado com acareação

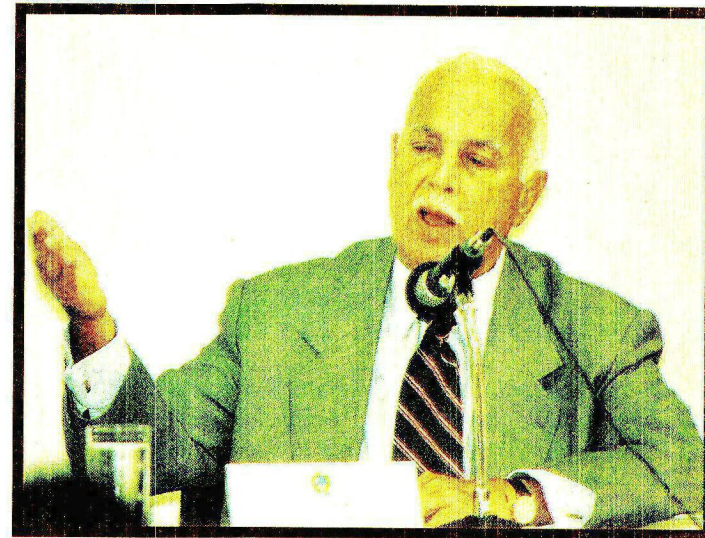
Da Agência JB

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) está irritadíssimo com a acareação a que terá que se submeter no Conselho de Ética do Senado, na quinta-feira. E ainda acredita que ela talvez não aconteça. “Estou sendo vítima de um linchamento da imprensa e de políticos que querem me ver encrencado”, reclamou ontem com aliados. Quinta-feira, depois de depor no mesmo Conselho, ACM até pensou que poderia evitar a constrangedora acareação com o senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) e com a ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges.

Telefonou para Arruda prestando-lhe solidariedade e desejando sucesso no depoimento do dia seguinte. Não queria que Arruda fosse depor com o sentimento de que fora abandonado por ele à própria sorte. E foi dormir com a expectativa de que a tática de aproximação desse certo. Mas não deu. Pelo menos, dessa vez. Por isso, pretende manter o contato.

ACM passou o dia de ontem no apartamento do Senado, em Brasília. Acompanhou o depoimento de José Roberto Arruda pela televisão. Não gostou do que assistiu. Especialmente a parte na qual Arruda sustenta que recebeu o aval de ACM para conversar com a ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges sobre a violação do painel de votação do Senado. “Estou pronto para a acareação.

Ronaldo de Oliveira



ANTONIO CARLOS: “MEU DEPOIMENTO FOI EXCELENTE, FOI CABAL”

Essa conversa não existiu”, disse, em tom elevado, o ex-presidente do Senado a um amigo. À imprensa, porém, mandou informar: “Não nego e não confirmo a conversa. Só falarei em meu depoimento”.

Os problemas que Antonio Carlos Magalhães ainda enfrentará começaram a ser projetados por ele e por seus colaboradores quinta-feira, logo após o término do seu depoimento no Conselho de Ética do Senado. “Meu depoimento foi excelente, foi cabal, mas a imprensa e alguns políticos preferem ter má vontade. Mas isso será só nos primeiros dias”, afirmou nas conversas de avaliação daquela noite. Estiveram em seu apartamento o advogado e ex-ministro do STJ Luiz Vicente Cernicchiaro, o depu-

tado José Carlos Fonseca (PFL-ES), o publicitário Fernando Barros, da Propeg, e o professor José Carlos Di Genio. Antes, em uma confraternização em seu gabinete, políticos da Bahia deram-lhe parabéns, definindo o depoimento como “esclarecedor”.

Em conversas reservadas, porém, parte significativa desses mesmos políticos baianos avaliava que o problema de ACM não era de tecnicidade jurídica, mas político. O próprio líder baiano é da opinião de que o clima de punição é agravado pelo fato de envolver um político com o seu perfil — de currículo marcado por quase meio século de influência e poder. No QG de ACM em Brasília, a palavra renúncia continua tendo a pronúncia proibida.